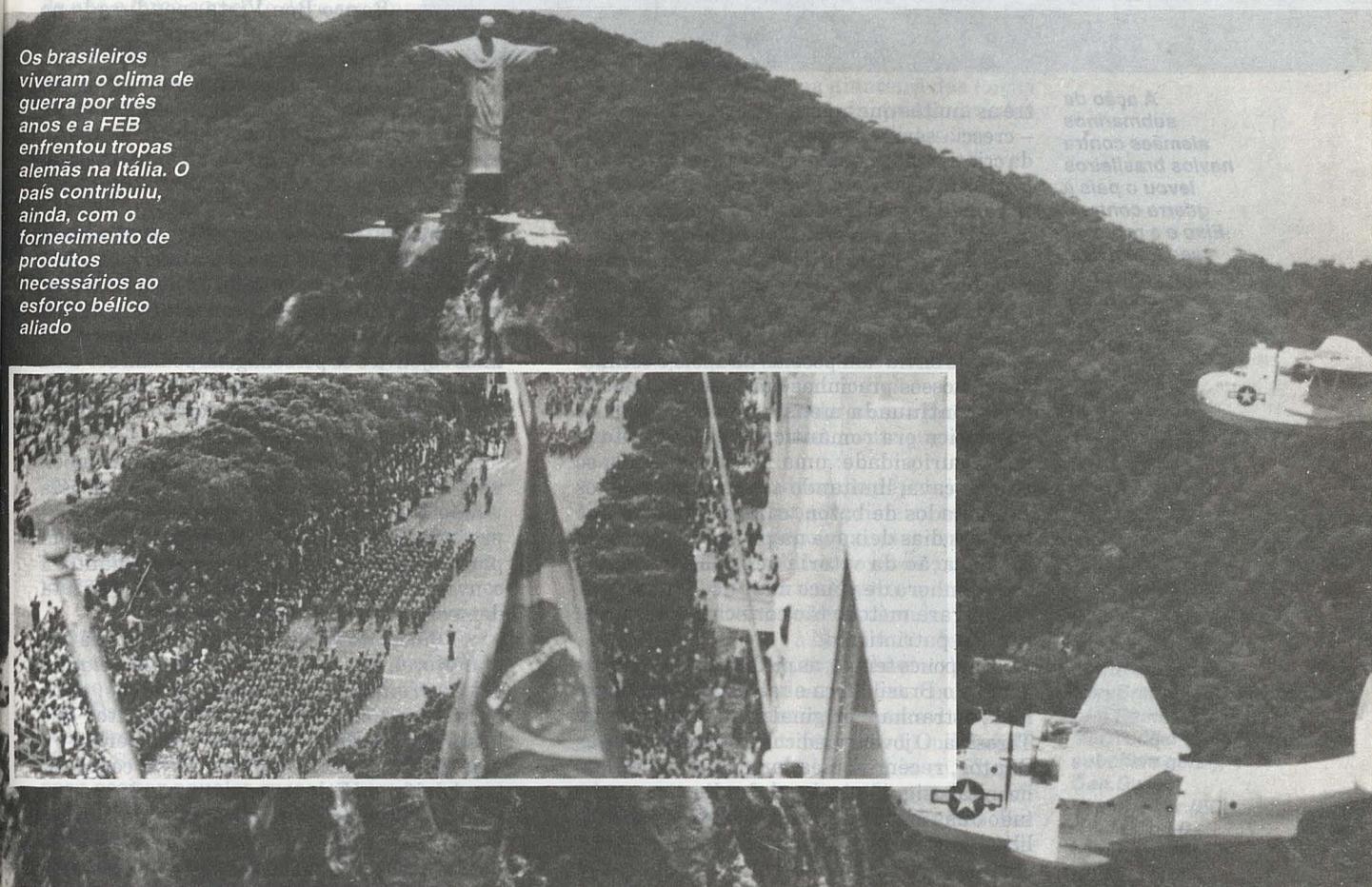


O desembarque na Normandia



Na redação do Diário da Noite, no Rio de Janeiro, os primeiros rumores da invasão foram recebidos com cautela e dúvidas

Os brasileiros viveram o clima de guerra por três anos e a FEB enfrentou tropas alemãs na Itália. O país contribuiu, ainda, com o fornecimento de produtos necessários ao esforço bélico aliado



Neiva Moreira

Meu primeiro contato direto com a guerra foi a longa travessia de duas semanas navegando no *Itaité*, de São Luís ao Rio de Janeiro. Como tantos outros jovens, tomara um "Ita no Norte" em busca de novos horizontes.

Viajávamos num dos primeiros comboios – dizia-se que eram 15 barcos – que navegavam sob a proteção das esquadras brasileira e norte-americana. As noites eram particularmente preocupantes, mas para um estrepante do jornalismo fora da província, aquele espetáculo de poder, aventura e desafio era excitante e revelador.

Pouco tempo depois, já engajado no jornalismo carioca, nos Diários Associa-

dos, me envolvera, como todos os colegas, na informação de guerra, que dominava a pauta das redações.

Pirâmides de metal – As grandes manifestações de massa da época estavam sempre ligadas a episódios da conflagração mundial, sobretudo de indignado protesto contra os afundamentos de navios na costa brasileira. Durante um longo período as pirâmides de metais (doadas pela população para ajudar no esforço de guerra) foram os pólos da mobilização popular brasileira. As pirâmides passaram a ser um dado da mobilização, uma maneira de se dar uma contribuição pessoal para a derrota do Eixo.

No Rio, a gigantesca montanha de ferro e outros metais do Largo da Carioca – uma en-

Sir Leigh-Mallory (Ingl.), Gen. Walter Smith (USA)



Neiva Moreira



A ação de submarinos alemães contra navios brasileiros levou o país à guerra contra o Eixo e a proteger seu transporte marítimo com o uso de comboios vigiados por belonaves

tre as muitas que apareciam em toda a cidade – crescia sem cessar e o fazia já com o toque da criatividade popular. Para os repórteres do *Diário da Noite* que, como eu, cobríamos o cotidiano daquela campanha – que esvaziava casas, depósitos e ruas de todo metal que pudesse ajudar o Brasil a fundir canhões e construir barcos para a guerra – houve muitos momentos sugestivos. Cartas de crianças, casais que se desfaziam de jóias de estimação, pessoas que enviavam poesias de apoio e estímulo aos nossos pracinhas em luta. Mas houve uma continuada mensagem que, além de patriótica era romântica, e que desafiava nossa curiosidade: uma mulher que não se identificava, limitando-se a cobrir de beijos estampados de baton, cartas e objetos que todos os dias deixava na pirâmide. Só na comemoração da vitória se identificou com uma senhora de pouco mais de 30 anos, que encontrara método tão carioca para expressar seu patriotismo.

Em pouco tempo, as pirâmides se espalham pelo Brasil afora e talvez a contribuição mais estranha e original tenha ocorrido em Teresina. O jovem médico Clidenor de Freitas Santos, recém-nomeado para a direção do hospital psiquiátrico local, fundiu no aço coletado duas metas: ajudar o esforço de guerra e libertar os doentes das correntes, levadas por eles mesmos em uma singular procissão até a pirâmide de metais.

Barão no bonde – O esforço de guerra, que se tornou uma preocupação generalizada, não parava aí. Expressava-se de diferentes formas, inclusive nas silenciosas privações que atingiam muitos lares, com os reflexos da guerra na economia nacional. Mas tinha também o seu *marketing*.

Recordo-me das campanhas de Assis Chateaubriand, que nós, dos *Diários Associados*, deveríamos promover. Uma delas visava à substituição da gasolina e do diesel pelo gasogênio. Essa meta levou o ministro da Agricultura, Fernando Costa, um dinâmico e corpulento paulista que devorava mangas com um apetite voraz, a aparecer guiando um pequeno trator adaptado ao novo combustível, uma espécie de pioneiro do pró-álcool.

Em outro momento, coube ao *Diário da Noite* fazer a reportagem do chanceler Oswaldo Aranha dirigindo-se ao Itamaraty em um coletivo. Eu deveria entrevistar o barão de Saavedra, dono do Banco Boa Vista, pendurado no bonde a caminho do trabalho. Chateaubriand estimulava os ricos e os altos funcionários do governo e das empresas privadas a aceitarem de boa vontade esses prosaicos sacrifícios e se divertia com os sustos que o novo transporte pregava nos seus amigos da alta burguesia.

'Senta a Pua' – Quando Vargas decidiu-se pela participação do Brasil na guerra – que o *Diário da Noite*, como milhões de brasileiros, vinha exigindo –, o conflito tornava-se mais próximo de todos nós. A reportagem passou a ser mais objetiva e os personagens podiam ser uma família de Cascadura ou um lar em lágrimas de São João del Rey (MG), pela morte de um jovem da cidade, nas escarpas dos Apeninos.

Ou ainda aqueles momentos inesquecíveis da ocupação do Clube Germânia pela União Nacional dos Estudantes (UNE), na praia do Flamengo, que, de um centro de simpatia pelo Eixo, passou, daí para adiante, a converter-se num formidável baluarte da luta democrática e nacionalista no país.

O *Diário da Noite* fervia. Foi de lá que Edmar Morel, o grande repórter dos *Associados*, saiu à frente de ruidosas multidões, para substituir nomes de estabelecimentos que lembravam o Eixo. Sumiram o bar Berlim e o bar Adolfo (mesmo nada tendo a ver com o outro Adolfo, o Hitler); este passando a ser o simpático ponto de reunião da boemia de hoje, rebatizado de Bar Luís, na Rua da Carioca.

Fiquei orgulhoso de ser designado pelo secretário Carlos Eiras para a reportagem da partida de jovens aviadores brasileiros para a etapa de treinamento nos Estados Unidos. Em um hangar do aeroporto Santos Dumont entrevistei o então major Nero Moura e conheci um jovem tenente: Fortunato Câmara de Oliveira, uma espécie de porta-voz do grupo e com o qual iria conviver até hoje nas lutas nacionalistas e populares. Mas meu entusiasmo maior tinha origens bem maranhenses. No grupo, para o qual os aviadores escolheram como símbolo o avestruz guerreiro com a frase nordestina do "Senta a Pua", estava um colega do Liceu de São Luís, Rui Moreira Lima. Para mim, era como se pessoalmente estivesse partindo para a guerra, com toda a aguerrida turma do Liceu.

Ao ingressar na Escola Militar de Realengo, em 1939, de onde foi para a aviação,

o turbulento e inquieto liceísta de São Luís recebeu do seu pai, desembargador Bento Moreira Lima, um juiz de exemplar correção (o que era muito pouco comum na Justiça maranhense da época) a seguinte recomendação: "Sê um patriota verdadeiro e não te esqueças de que a força somente deve ser empregada a serviço do Direito. O povo desarmado merece o respeito das Forças Armadas. Estas não devem esquecer que é este povo que deve inspirá-las nos momentos graves e decisivos. O soldado não conspira contra as instituições às quais jurou fidelidade. Se o fizer, trai os seus companheiros e pode desgraçar a nação."

De jovem tenente ao brigadeiro de hoje, Rui cumpriu rigorosamente as proféticas recomendações do desembargador Bento. Tornou-se um herói nos céus da Itália com muitos aviões abatidos e, por cada um deles, talvez ele tenha feito na sua pistola aquele corteziño cruel com que os nossos compatriotas do sertão maranhense costumavam enfeitar e atualizar a sinistra estatística das matanças no cabo do seu revólver.

Os *Associados* já tinham na Itália o seu "pracinha", o hoje conspícuo conselheiro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Augusto Villas Bôas, que, com a cumplicidade de Nero Moura, furava a proibição militar e enviava suas crônicas de guerra.

O trabalho na redação passou a voltar-se muito para a cobertura da atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e a guerra ganhou, para o nosso povo, significado especial. Os políticos e os meios de comunicação, acostumados à dura luta ideológica com a União Soviética, demoraram algum tempo para aceitar aqueles russos, "inimigos da religião e comedores de crianças", como heróis, libertadores da humanidade.

Quando a guerra avançava para o fim, as ruas e, sobretudo, as redações, estavam polarizadas em duas torcidas. Procurava-se acertar uma "loteria": o local onde desembarca-

riam os norte-americanos e quem iria içar primeiro sua bandeira no Reichstag, o símbolo do poder nazista em Berlim. Os dois poderosos exércitos – dos aliados e russos – convergiam dramaticamente no rumo da devastada capital alemã. Emergindo cautelosamente da clandestinidade, o PCB engrossava a torcida em favor dos russos. Não sei por onde andava nesse tempo o Dr. Roberto Campos, mas devia estar apostando tudo na dianteira das forças do general Patton, comandante das divisões blindadas de vanguarda dos aliados.

Madrugada tensa – O ambiente nas redações, sobretudo no serviço telegráfico (a editoria ainda não era um nome de moda) era eletrizante. A notícia esperada podia estourar a qualquer momento e, não poucas vezes, os jornais chegaram a anunciar o começo que ainda não era. Por exemplo, a poderosa expedição exploratória da cidade francesa de Dieppe, realizada por uma divisão canadense, chegou a ser noticiada como a própria invasão. Mas essa veio numa noite que não é para se esquecer.

No começo da madrugada de 6 de junho de 1944, a turma que fazia a primeira edição do *Diário da Noite* começou a captar no serviço telegráfico e nas rádios de onda curta, de enorme importância na guerra, que algo de grave e decisivo estava acontecendo.

Quando a invasão à Normandia de fato começou, estávamos muito escaldados das "barrigas" (notícias erradas ou falsas) mas, tudo indicava que nos encontrávamos diante do desembarque no continente dos 11 milhões de combatentes do general Eisenhower. Chegavam, sem cessar, telegramas de agências com indícios da Hora H do Dia D. Havia rumores na Austrália, boatos no Canadá e estranhos movimentos no Canal da Mancha, revelando a decisiva natureza da operação. Sobre tudo em face dos concentrados bombardeios à costa francesa da Normandia, considera-

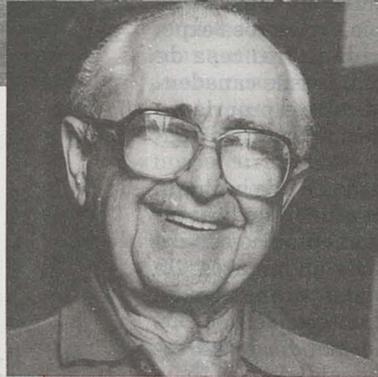
Fotos
brasileiras
criaram nos
Estados
Unidos para
a imprensa
americana

Bhghh
Moreira Lima

O alto comando:
*Gen. Bradley (EUA),
Alm. Ramsey (Ingl.),
Mar. Tedder (Ingl.,
subchefe geral),
Gen. Dwight
Eisenhower (EUA,
Chefe Geral),
Gen. Montgomery
(Ingl.),
Sir. Leigh-Mallory
(Ingl.), Gen. Walter
Smith (USA)*



**Pilotos
brasileiros
chegam aos
Estados
Unidos para
estágio**



**Brig. Rui
Moreira Lima**

dos pelo porta-voz do alto comando alemão indicadores de que o ataque ao continente começara.

Foram momentos de extrema tensão. Adiantar ou não o lançamento do jornal nas ruas era o dilema crucial. Cada minuto de vacilação podia dar ao concorrente *A Noite* a

chance de soltar a notícia em primeiro lugar e nos deixar para trás.

Com a visão profética do “furo” jornalístico, o secretário Carlos Eiras, informado pelo subsecretário de plantão, deslocou-se de imediato para a redação e mobilizou todo o pessoal para o trabalho. Advertiu as oficinas e pediu que reforçassem os estoques de papel ao pé da rotativa. “Vamos ver em que vai dar”, disse quase em monólogo. E deu!

Minutos depois, a rede Tupi-Tamoio, dos *Diários Associados*, despertava a população para a notícia bomba: a invasão começara. Um terremoto sacudia as redações e as multidões se lançaram às ruas gritando, cantando, chorando.

Quase ao romper da aurora, o *Diário da Noite* era disputado nas mãos dos jornalheiros com a manchete tipo catástrofe: “Invasão”. Mas como desejasse cobrir-se de uma nova “barra” publicava também um grande título: “Fala Churchill”. O leão inglês dava a primeira notícia

Papel de destaque no ‘front’

xo, e por 15% da destruição de veículos motorizados inimigos.

Este desempenho foi obtido logo após o coronel norte-americano, ao qual os brasileiros estavam ligados, ter solicitado, em 6 de abril, que as ações do grupo fossem interrompidas, devido ao número de pilotos, que havia sido reduzido para 23. “O governo brasileiro não planejou um esquema de substituição dos aviadores. Enquanto, com 35 missões, o piloto norte-americano voltava para casa, nós não tínhamos substitutos, chegando a fazer duas a três missões por dia, o que era criminoso. Realizei 94 missões. Mas não aceitamos o pedido do coronel dos EUA e continuamos lutando até o fim.”

Após 6 de abril, dois pilotos brasileiros perderam a vida em combate, outros dois ficaram feridos, um foi feito prisioneiro pelos alemães (libertado depois pelos aliados) e mais dois tiveram os aviões abatidos e resgatados por soldados amigos. “Se a guerra durasse mais 15 dias, provavelmente o grupo brasileiro teria que interromper sua

ação por falta de pilotos”, afirma Moreira Lima.

Os aviadores brasileiros treinaram no Panamá e nos EUA, mas a experiência anterior de vôos no Brasil foi fundamental para o sucesso das missões. “Voávamos no Correio Aéreo muitas vezes sem mapa, num esforço redobrado. Enquanto um piloto norte-americano tinha 250 horas de vôo em média, os brasileiros tinham entre 400 e 3.000 horas. Eu, por exemplo, cheguei à Itália com 870 horas.”

O Grupo de Caça brasileiro recebeu a Medalha Presidencial dos Estados Unidos em 1986, 41 anos depois do final da guerra. Os únicos grupos estrangeiros a receberem a premiação foram os brasileiros e um esquadrão da Royal Air Force (RAF) da Inglaterra.

O brigadeiro, no início de maio, ao lado de outros veteranos brasileiros, participou de homenagens prestadas aos ex-combatentes nas cidades italianas de Pisa e Tarquinia. (**Marcelo Monteiro**)

“A participação brasileira na II Guerra Mundial foi extremamente interessante e reconhecida pelos aliados. Quem diz que a Itália era um teatro de operações secundário, se engana. Reunia mais de 1 milhão de soldados e grande quantidade de aviões de ataque.” A análise é do brigadeiro Rui Moreira Lima, piloto do 1º Grupo de Caça da FAB, grupo brasileiro que lutou na Itália, formado por 372 homens, sendo 32 pilotos. Rui Moreira Lima realizou 94 missões a bordo de aviões P-49.

O militar cita números para comprovar a eficiência da ação dos pilotos brasileiros. De 6 a 29 de abril de 1945, o esquadrão brasileiro fez 5% das saídas totais do XXII Comando Aerotático Aliado. Essas missões foram responsáveis por 85% dos danos a depósitos de munição das tropas do Ei-

de vitória: "O fogo das baterias alemãs de terra, na costa do Canal, foi dominado."

O general Eisenhower era menos eufórico na sua proclamação: "Foi efetuado esta manhã o desembarque de tropas das Forças Expedicionárias Aliadas na costa da França. Este desembarque constitui parte do plano ajustado entre as Nações Unidas para libertação da Europa conjuntamente com os nossos grandes aliados, os russos."

A confirmação alemã logo chegou, nesse telegrama de Londres, da agência norte-americana INS: "A rádio de Berlim anunciou que desembarques aliados realizam-se em extensas áreas da costa da França, desde o Havre até Cherburgo, numa extensão de cerca de 150 milhas." E mais tarde: "Os marechais Rommel e Rundstedt estão no comando dos exércitos alemães e preparam os contra-ataques."

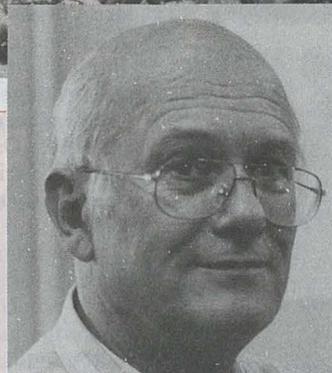
O quadro da guerra era dramático. Um despacho da Reuters, de Estocolmo, informava: "Os choques são de proporções alucinantes." E acrescentava: "O oceano está coalhado de navios e o céu coberto de

aviões." O chanceler Oswaldo Aranha acordava Getúlio pela madrugada para lhe transmitir o grande fato histórico.

O vespertino *Associado* comemorava: "A cidade está em delírio pela notável irradiação da rede Tupi-Tamoio." As duas rádios, por sua vez, destacavam o fato de o *Diário* haver saído à frente dos outros.

Poucos dias depois, entre 7 e 8 de junho, os russos, sob o comando do marechal Zukov,

Família francesa saúda as tropas de libertação



Edouard Bailby

A guerra vista por olhos jovens

"Me lembro de 8 de maio de 1945, dia do fim da guerra. Fazia um tempo lindo em Paris. Foi todo mundo convocado para ir aos Champs Elysées, mas um colega meu do Liceu, cujo pai lutou na resistência, reuniu uns amigos. Me lembro que foi um dia triste, pois todos ali choraram pelas pessoas perdidas na guerra. Eu não vi o grande desfile da vitória no Champs Elysées, fiquei chorando."

As palavras de Edouard Bailby, jornalista francês que, em 1945, tinha 18 anos, refletem as duas faces da vitória dos aliados na guerra. Bailby lembra que o conflito o marcou profundamente. Durante muitos anos, inclusive quando já morava no Brasil, duas ou três vezes por semana tinha pesadelos de torturas e fuzilamentos: "É que, ao final da guerra, a gente já começava a saber o que ocorria. Antes, com a censura, era di-

ficil. Levei muito tempo para me reconciliar com a Alemanha. Minha mãe nunca quis falar com um alemão, depois da guerra", conta ele.

Mas o tempo foi passando, e uma Alemanha democrática surgiu, lá pelos idos dos anos 50: "Comecei a encontrar alemães que não eram nazistas, e descobri outros, que tinham lutado na Resistência Francesa contra o próprio exército de ocupação alemão. A maioria dos nazistas foi expulsa ou julgada e o país parecia se recuperar do horror." Hoje, afirma que é quase impossível existir um francês antialemão.

Tal qual um visionário, Bailby escreveu, ainda em 1949, um artigo sobre a juventude européia: "Depois da guerra, começou um movimento da juventude francesa pelo federalismo da Europa. Eu não sabia muito bem qual seria o futuro, como reconstruir o velho continente, mas sentia que não po-

díamos ficar brigando entre nós. Concordei que a melhor solução seria uma federação de países europeus, e militei nesse movimento. Queríamos fazer da Europa uma nação pacífica e próspera."

Para ele, o fato mais importante e marcante do conflito foi o desembarque dos aliados na Normandia, no dia do seu aniversário, 6 de junho. "Meu pai tinha perguntado um dia antes o que eu queria ganhar de presente, e respondi que queria que os aliados chegassem e expulsassem os alemães da nossa terra. Meu pai, então, me acordou às 4 da madrugada do dia 6 e me disse: 'Você ganhou o presente. Pára-quedistas aliados estão saltando na Normandia. Agora, a guerra vai terminar.' E terminou mesmo", lembra, sorrindo. (Patricia Costa)



O 9º Exército soviético cercou Berlim em 26/4 e no dia 2/5 hasteou a bandeira sobre as ruínas do Reichstag. A rendição formal da Alemanha foi no dia 8 de maio

desfechavam ofensiva, cujo objetivo final era Berlim. A guerra avançava para o fim. O exército soviético conseguiria o feito histórico: içar a bandeira vermelha nas ruínas do Reichstag. Pouco depois a Alemanha capitulava.

Ocidentais e russos descobriam-se e confraternizavam nas trincheiras. Parecia que, sob as ruínas da Alemanha, o confronto com a URSS desaparecera.

Mas não era bem assim. Com a morte de Roosevelt, Truman e a direita do Partido Democrata chegavam ao poder e Churchill retomava sua velha pregação anti-soviética. Por sua vez, os russos passavam a ocupar os países da Europa Oriental. A Guerra Fria começava.

Abertura política – No Brasil, o fim da guerra acelerou a retomada do debate político. Os adversários do regime tentavam transformar a vitória dos aliados em poderoso instrumento de luta contra Getúlio. Parecia que fora Vargas, apesar da abertura democrática que o seu governo propiciava, e não o Eixo, quem havia sido derrotado. Nos jornais, já não era o general Góis Monteiro quem dava entrevistas opinando sobre tudo, como ocorria antes. Os generais Juarez Távora e Cordeiro de Faria (este retornou das trincheiras italianas) ocuparam o seu lugar com fortes acentos antiVargas.

A campanha da sucessão estava nas ruas. Já como redator político do *O Jornal*, o carrocheiro dos *Diários Associados*, participei de episódios que marcaram o lançamento das duas candidaturas à Presidência da República: do general Eurico Dutra e do brigadeiro Eduardo Gomes. Recebi de Chateaubriand uma tarefa considerada difícil à época: conseguir de Eduardo Gomes uma declaração definitiva confirmando a candidatura pela oposição. O brigadeiro era extremamente fechado e infenso a declarações.

Recorri a um amigo, Virgílio de Melo Franco, secretário-geral da UDN, que me deu o “mapa da mina”. Devia ir a Petrópolis e madrugar à porta do edifício onde veraneava Eduardo Gomes, para abordá-lo no percurso até a igreja, às primeiras horas da manhã. Assim o fiz.

Com todas as armas da persuasão, tentei ao menos um monossílabo do herói sobrevivente do Forte de Copacabana. Mas o brigadeiro não movia a pestana ou o lábio. Nem mesmo sob o *flash* da máquina do fotógrafo Sebastião Pinheiro. Eduardo Gomes entrou silencioso na igreja e ajoelhou-se. Também me ajoelhei a seu lado. “O senhor me deixe rezar em paz. Espere-me na saída da igreja”, declarou ele entre sisudo e irritado.

Não me recordo da frase precisa que pronunciou, mas sei que era uma nova indicação de que poderia ser candidato.

Mais tarde fui à residência do general Dutra, no Leme, enquanto a convenção do PSD estava reunida no Palácio Tiradentes para homologar sua candidatura. O ministro da Guerra de Getúlio era o azarão do páreo sucessório e sua candidatura despertava pouco interesse na opinião pública e na imprensa, embora terminasse, com a força de Vargas, ganhando a eleição. Além do repórter, só estava ao seu lado em momento tão importante Georgino Avelino, seu velho amigo do Rio Grande do Norte. A casa povoou-se rapidamente de políticos e jornalistas, quando a comissão oficial chegou para informar ao general que havia sido indicado candidato à Presidência da República. A onda democratizante, resultante da guerra, começava a mudar os destinos do Brasil.

Quando os canhões silenciaram, os *Diários Associados*, que tiveram em Joel Silveira um brilhante e competente correspondente de guerra, fizeram uma excelente cobertura sobre os novos rumos do mundo. Nesse período fui à Itália (a viagem era em um *Constellation* da Panair, 30 horas do Rio a Roma) e visitei, em Pistóia, o cemitério onde repousavam os brasileiros mortos na guerra, que simbolizava nossa presença numa luta devastadora pela liberdade e a democracia. Era o nosso pesado tributo a uma guerra que custou, aos países nela envolvidos, 25 milhões de mortos, milhares de cidades, vilas, fábricas, hospitais, escolas e tesouros de arte destruídos.

Não era possível imaginar nesse momento que o mundo, liberto do pesadelo de uma tirania que ameaçava escravizar a espécie humana, continuaria, 50 anos depois, lutando pela paz e a justiça social e enfrentando guerras inexplicáveis, reflexos de interesses econômicos e lutas pelo poder.

Dutra foi eleito presidente na redemocratização propiciada pelo fim da guerra. Na foto, ao lado do presidente Harry Truman

